

## A FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES MESTIÇAS: TAGOMAOS E MAMALUCOS

Rangel Cercean Netto\*

### RESUMO

*O artigo retrata a ação de dois grupos de mestiços responsáveis pela formação das comunidades atlânticas ibéricas. Os tagomaos e os mamalucos constituíram-se nos primeiros grupos de intermediadores globais que ajudaram a estabelecer estratégias de conquista no mundo ibérico, durante o período moderno. Esses mestiços, por meio de políticas de alianças familiares, evocaram as dinâmicas contraditórias e adaptativas que ajudaram na aproximação de europeus com africanos e ameríndios.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comunidades mestiças. Intermediadores globais. Mamalucos. Tagomaos.*

### AS ESTRATÉGIAS DE INTERMEDIÇÃO DOS TAGOMAOS ENTRE CASAMENTOS E CONCUBINATOS

A primeira estratégia dos ibéricos ao chegarem na terra que se convencionou chamar de Santa Cruz foi arremessar os “tango-maos ou lançados”, aqueles com facilidade em aprender as línguas nativas, para fazerem a mediação comercial e de troca de produtos, práticas e saberes com os povos nativos (SILVA, 2002, p. 240). Todavia, para uma ação efetiva de ocupação e de relações comerciais mais confiáveis e duradouras, os ibéricos optaram por promover políticas de alianças por meio de uniões consensuais e casamentos com os nativos da terra.<sup>1</sup>

---

\* Pesquisador associado ao Centro de Estudos sobre a Presença Africana no Mundo Moderno – CEPAMM. Doutorando pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta pesquisa conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. Email: cerceaup@gmail.com.

<sup>1</sup> Para uma análise comparativa entre os tangomaos na Índia e na África, ver Boxer (1967, p. 46-87).

A política de relacionamento apoiada pelos ibéricos foi uma ação deliberada com claro objetivo de estabelecer relações comerciais permitindo intermediações entre o mundo americano e o ibérico. Os espanhóis e, principalmente, os portugueses já tinham experiências acumuladas na África mediterrânea e subsaariana assim como na Ásia (cf. STOLS; VERBERCKMOES; WERNER et al, 2006, p. 363). As potências marítimas ibéricas foram inspiradas pelo sucesso anterior de suas estratégias de dominação na África e voltaram a repetir semelhantes práticas do lado sul do Atlântico.

Voltar à África para falar do Brasil torna-se importante, pois a ação dos tagomaos assemelhou-se nas duas margens do Atlântico. Segundo o jesuíta espanhol Luis de Molina, esses indivíduos eram mercadores conhecidos pelos africanos da Guiné por dominarem o comércio de negros escravos nas feiras.<sup>2</sup> Os tagomaos também eram responsáveis pelas próprias escravizações que impunham aos africanos da Senegâmbia e por serem comerciantes e guerreiros, os tagomaos escravizavam injustamente os africanos. Segundo o próprio Molina:

Não se pode atalhar aos muitos modos com que [os tagomaos] injustamente os cativam [aos africanos]. Porque uns são furtados por força ou engano, outros condenados sem culpa a cativoiro, como são as mulheres, filhos e parentes pelas culpas dos pais, outros tomados em guerras injustas, porque não tratam de jure, senão de quem mais pode. Outros vendidos por seus pais, sem necessidade bastante; outros com um artifício fraudulento de homem morto que descubra a casa do matador, quando querem cativar algum com toda sua família, e outros por outros modos injustos. De sorte que dizem os práticos que de mil escravos que vêm ao Reino, os novecentos são mal cativos. Nem parece que pode tal ser, porque os ministros de V. Majestade, quando muito, dão juramento a algumas pessoas que os tangomaus, ou mercantes, lhes apresentam, e juram que são escravos de boa lei, não o podendo saber, sendo trazidos de tantas e tão remotas partes. Por vezes se tratou na Mesa da Consciência do remédio, e não se acha nenhum que possa impedir estes ordinários escândalos.<sup>3</sup>

Os lançados eram considerados indivíduos que deixavam o seu lugar de origem para viver em terra estrangeira (BLUTEAU, 1712, p. 39-40). Esses indivíduos tornaram-se, muitas vezes, colonizadores independentes e, ao se

<sup>2</sup> MOLINA, Luis de. De Justitia et Iure. trat. II, disps. 34 e 35.

<sup>3</sup> Idem ibidem.

casarem com mulheres locais, passaram a criar os seus próprios núcleos de povoamento. Eles apoiavam tanto os europeus quanto os chefes tribais da África e, posteriormente, os indígenas do Brasil. Normalmente, a primeira geração desses lançados foi recrutada entre os órfãos de famílias de muçulmanos, judeus e cristãos novos (THORNTON, 2004, p. 108-110).

No Congo entre os anos de 1520 a 1535, os tagomaos formavam as comunidades procedidas de portugueses que se aliavam e misturavam-se aos negros (BLUTEAU, 1712, p. 236). Na região do Magreb, os castelhanos fundaram a cidade de Marquenez onde grande parte da população era formada por negros e mulatos escuros. Como bem relata o padre espanhol Francisco de São João, os alcaides dessa cidade constituíam-se por homens de boa cor, casados com negras e mulatas e os filhos que lhes nasciam eram mestiços. No relato do padre, a população daquela cidade era moura e constituía-se de gente mestiça, a mais nobre daquela corte.<sup>4</sup>

As disposições dos portugueses para a África demonstram que a Coroa editou ordens para as comunidades que misturavam portugueses com africanos. A política de alianças passou por leis expressas de sucessão com clara intenção de se criar rédeas e impor o poder absolutista para essas comunidades. Tais leis tentavam regulamentar os bens dos mestiços em favor da Coroa. Elas diziam “que se não julguem as fazendas dos tago-maos por perdidas, sem o rei saber” (LIÃO, 1987, p. 38-39). Afinal, os tagomaos e seus descendentes totalmente miscigenados tinham um estatuto próprio, pois se eles ou alguns de seus herdeiros falecessem, habilitava-se automaticamente para receber a herança o Hospital de Todos os Santos de Lisboa.

As estratégias de promover as uniões entre os europeus e os líderes africanos e depois com a própria nobreza indígena alavancaram as mesclas entre indivíduos diferentes (CERCEAU NETTO, 2008). Segundo Carreira, na África Central, especialmente nos rios da Guiné os tagomaos,

Sem apego a preconceitos, entenderam que só poderiam vingar no meio se se submetessem às normas de conduta social da terra, ainda que isso implicasse a abdicações dos seus princípios morais e religiosos. Prontamente se uniram a mulheres africanas de variada etnia, dando lugar à complexa miscigenação de sangue e de culturas, até então desconhecidas. Casaram-se à moda da terra, tornaram-se bígamos, ou

<sup>4</sup> Segundo Bluteau as informações referentes à cidade de Marquenez foram adquiridas no Cap. 3, do Livro 6, da Missão Histórial do Marrocos. Composta em idioma castelhano pelo Padre Fr. Francisco de São João e impressa na cidade de Sevilha, ano 1708 (cf. BLUTEAU, 1712, p. 35-36).

mesmo polígamos, tatuaram-se e escarificaram-se como exigia a praxe dos ritos de passagem, fizeram juramentos de sangue, submeteram-se a provas mágicas e adoptaram, enfim, costumes da pura feição africana (CARREIRA, 1984).

Tanto os espanhóis quanto os portugueses utilizaram-se desses estratagemas que, em grande medida, nas capitánias hereditárias da costa brasileira, foram chancelados pelos chefes tribais. É importante pensarmos que esses tagomaos, ao intermediarem realidades distintas, suportaram um processo de mediação duplo (BARRY, 2002, p. 41-42). Eles europeizavam as comunidades locais africanas e americanas ao mesmo tempo em que sofriam a intermediação delas, tornando-se também africanizados ou americanizados.<sup>5</sup>

Os lançados ao se vincularem, por matrimônios e concubinatos, com as mulheres de outras tradições culturais, acabavam atendendo aos interesses particulares em detrimento aos de Estado. Assim alguns estudos com diferentes abordagens têm demonstrando que, tanto para as Áfricas quanto para as Américas portuguesa e espanhola, esses mediadores, muitas vezes, beneficiavam os líderes políticos locais ao invés de apoiarem os interesses das monarquias, naturais de sua pátria.<sup>6</sup>

A inauguração da primeira colônia portuguesa na parte continental africana em 1575, a cidade de São Paulo de Luanda, só foi possível devido ao jogo de alianças entre chefes locais, mestiços e portugueses que, a princípio, tinham pouca afinidade com os interesses de Lisboa. Afinal, antes essa região era submetida ao controle do Reino do Congo, aliado da Coroa portuguesa (SOUZA, 2006, p. 99-114). Do ponto de vista das alianças entre a Coroa portuguesa e os congolezes, a criação de Angola mostrou que os interesses particulares, executados pelos nativos que se uniram aos mercadores portugueses por meio de casamentos e concubinatos, prevaleceram sobre os interesses de Estado, tanto de Portugal, como do próprio Reino do Congo. Os descendentes mestiços de homens portugueses e mulheres ndongos (angolanos) abriram caminho para um processo de colonização que nem sempre passava pela razão de Estado. A colonização de Angola tornou-se um marco e possibilitou a abertura de rotas

<sup>5</sup> Dentre os vários estudos que relacionam a intermediação cultural entre local e global podemos citar: Garcia; Medina (2001); Godoy; Salazar-Soler (2005); Gruzinski (2004); Ivo (2009).

<sup>6</sup> Dentre muitos estudos, ver: Queijá; Gruzinski (1997); Tachot; Gruzinski (2001); Curto; Lovejoy (2004); Godoy; Salazar-Soler (2005).

comerciais que controlavam os mercados abastecedores de escravos, em grande medida, na mão de mercadores independentes associados a chefes tribais locais que se beneficiavam destes pactos.

Antes da chegada dos europeus na terra que se convencionou chamar de Brasil, já existiam comunidades de lançados em toda a costa africana. Nessas comunidades de mestiços foi permitido o estabelecimento de feitorias litorâneas, base rentável e duradoura da economia mercantil. Em função disso, o próprio Reino do Congo havia se modificado e, também, novos reinos foram estruturados na África, especificamente em Cabo Verde, Angola, Moçambique e São Thomé e Príncipe. Todas essas cidades tinham grandes comunidades de mestiços. Essas foram algumas das muitas regiões africanas que se reestruturaram com a intermediação dos portugueses, mas não só deles. Embora os comerciantes portugueses e seus descendentes mulatos gozassem de maior prestígio que os seus rivais europeus em outras regiões e épocas, o contrário também se sucedeu.

Novas cidades, com suas fortalezas, mudaram a geografia política africana. Os fortes da Mina e de Arguim tornaram-se lugares âncoras que se estruturavam a partir de novos laços culturais, econômicos e políticos. O desenvolvimento dos impérios ibéricos e das quase incontroláveis rotas atlânticas dominadas por mercadores independentes, com capital planetário aplicado em cidades dos quatro continentes do mundo, passou a operar a lógica mercantilista.

As políticas de aproximação e aliança dos europeus com os africanos, ameríndios e os próprios mestiços da terra espalharam-se por todo o período colonial. No caso da América portuguesa, genealogias mestiças foram formadas entre portugueses e diversas tribos indígenas.

## **JOÃO RAMALHO E IZABEL NA FORMAÇÃO DO BRASIL MAMALUCO**

Não foi surpresa que a união entre o nobre português João Ramalho e a princesa dos Guaianases Isabel frutificara-se e tenha gerado descendência formando os mamalucos paulistas das vilas de Piratininga, São Vicente e Santo André (MADRE DE DEUS, 1975, p. 130-133). Na verdade, todas essas vilas foram fundadas a partir da influência de Ramalho e seus descendentes, nascidos de seu casamento com a filha do lendário guerreiro tupiniquim Tibiriçá.

Adotando os costumes indígenas e o modo gentilico, o genro de Tibiriçá transvestiu-se de nativo e conquistou reconhecimento e autoridade entre os índios. Ele e sua família haviam se integrado à comunidade tupi, pois toda a sua vida e a de seus filhos seguiam o *modus vivendi* dos índios, “andando nus e indo a guerra”.<sup>7</sup> João Ramalho havia se tornado um intercambiador de culturas e foi fundamental na aproximação dos portugueses e no apoio aos padres inacianos ao mesmo tempo em que fortaleceu os índios tupis contra os tupinambás. Assim como nas estratégias dos tagomaos africanos, Ramalho praticava com os índios o mesmo artifício de aproximação e não demorou muito para que se tornasse um homem dividido que nem sempre defendia os interesses portugueses em terras consideradas do gentio.

Muriel Nazari observou para a realidade paulista dos séculos XVI e XVII semelhante situação para a comunidade dos mamalucos. Nem sempre eles cumpriam as demandas da Coroa portuguesa. Para a autora, os mamalucos ou mamelucos faziam parte de uma comunidade de mestiços e esse grupo tinha um papel fundamental na sociedade luso indígena. Afinal, eles, em São Paulo no período colonial, eram os responsáveis pelas mudanças que transformaram os índios administrados em vassalos independentes. A autora percebeu que esses indivíduos quase sempre se referiam à união de homem branco com mulher índia. Na verdade, mestiço e bastardo eram sinônimos de filiação ilegítima envolvendo europeu e índia. A designação mameluco ou mamaluco também representava o filho fruto da união entre índio e branco, porém, não estava associada à filiação ilegítima (cf. SILVA, 2000, p. 28-44).

Os principais núcleos de povoamento da região do planalto paulista desenvolveram-se em volta da aldeia de Ramalho. O prestígio desse português foi tão grande entre os tupiniquins que ele podia reunir, em apenas um dia, cinco mil índios para a guerra,<sup>8</sup> colaborando assim para a expansão da colonização portuguesa e a modelagem das relações luso indígenas (THEVET, 1978, p. 106). O pacto que se desenvolveu a partir do casamento de Ramalho com a filha de Tibiriçá traria benefícios para os tupiniquins nas guerras intestinas contra os tupinambás, os seus principais inimigos e aliados dos franceses.

<sup>7</sup> Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Luis Gonçalves da Câmara. São Vicente 15/06/1553 (apud LEITE, 2000, p. 173-183).

<sup>8</sup> Para uma análise dos processos de conquista e das estratégias de cooptação entre portugueses e índios, ver: Monteiro (1994); Amantino (2008); Paiva (2010).

O consórcio deste português com uma índia ilustra bem as estratégias de cooptação e apoio mútuo, com vantagens para os dois lados, assim como ocorreu em várias regiões africanas que tiveram a influência ibérica. No século XVI, o casamento e o concubinato tornaram-se um dos principais mecanismos pelos quais índios, portugueses e, conseqüentemente, seus filhos mestiços aproximaram-se e promoveram o processo de conquista, guerras, comércios e até mesmo escravizações tanto de europeus inimigos dos portugueses quanto dos próprios índios rivais. No litoral e nos sertões, essas estratégias de uniões mestiças repetiram-se. Na medida em que se avançava o processo migratório e de conquista, as atividades de produção e comércio foram apropriadas em função de interesses locais e particulares.

Do ponto de vista dos grupos sociais, os mestiços oriundos da mistura entre o índio e o português tiraram grandes vantagens em virtude do conhecimento indígena adquirido e da aproximação com os lusitanos. No caso de Minas Gerais, os paulistas constituem um dos ilustres exemplos. Esses mestiços apoiados pelos portugueses foram os principais responsáveis pelas frentes de batalha contra os índios que resistiam ao processo de conquista. Para Romeiro, os mamalucos paulistas eram considerados a gente mais bem treinada nas táticas de guerra brásilica e enfrentaram adversários formidáveis como os índios levantados e os negros aquilombados (ROMEIRO, 2008, p. 180-224). Talvez por isso fossem também associados aos antigos guerreiros mamelucos, escravos do sultão do Egito. Certamente, o sucesso das bandeiras foi possível devido a união dos portugueses com os próprios indígenas já catequizados e mestiçados.

## **MAMELUCOS: OS MESTIÇOS DE CARACTERÍSTICAS GLOBAIS**

Outros bons exemplos desse mundo mestiço, cuja representação vários testemunhos nos legaram, por meio de iconografias e relatos, podem ser analisados a partir da conotação atribuída aos “mamelucos”. As representações que se tinham dos mamelucos constituíram uma “dimensão atlântica”, ou seja, aos mamelucos eram atribuídas características comuns que os definiam em cidades africanas, européias e americanas. Através do dicionário Bluteau foi possível recuperar várias definições dos mamalucos/memelucos. Isso porque o dicionarista, embora não tivesse presenciado muitas das realidades que descrevia, apropriava-se dos significados de outros autores que vivenciaram

realidades empíricas ou teorizaram como ele. Assim, o dicionarista buscava, tanto nas Américas quanto na África e na Ásia, autores que pudessem denotar os indivíduos cuja identidade foi associada aos mamalucos/mamelucos. As compilações encontradas no dicionário Bluteau dão o tom da própria diversidade de sentidos que vários verbetes tomavam em função do período e do local. O próprio termo mamaluco ou mameluco, em seu dicionário teve três definições diretas e uma indireta com variadas significações ao vocábulo.

Mameluco. Derivado do Árabe Mamlouk, que vai o mesmo que escravo ou (segundo Urrea) deriva-se do verbo meleque, que significa possuir, & assim mameluco vem a ser o mesmo que possuído ou escravo. Deo se este nome a uns turcos, que os Reis descendentes de Saladino, mandarão criar nos exercícios e officios da guerra daqui veio que as tropas do Soldão do Egito foram chamadas mamelucos. Querem alguns que os mamelucos fossem originários da Transilvania. Outros dizem que vierão de Circasia (região da Ásia) sujeita ao Grão Duque de Moscovia. Introduzindo se no Egito no ano de 1250, em tão grande numero, & com grande poder, que não só occuparão os primeiros lugares, & dignidades do Egito, mas se fizeram formidáveis às mais nações, até que Seleca Imperador dos Turcos em duas batalhas matou dois cabos e finalmente os desbaratou de todos. *Mameluons id Masc* Os navios erão guardados por cincoenta mamelucos (BLUTEAU, 1712, p. 276-277).

Na primeira significação do termo mameluco, o sentido de escravos do sultão do Egito que praticavam officios de guerra fica evidente, assim como, os sujeitos turcos e egípcios provenientes da Ásia e da África. Indiretamente, também, o termo maluco descrito por Bluteau é associado ao mamaluco, remetendo a ideia de indivíduos guerreiros provenientes de Malaca e das ilhas molucas sujeitas aos domínios turcos e do Grão Duque de Moscovia (BLUTEAU, 1712, p. 175-177).

Na segunda definição do verbete mameluco, o lexicólogo refere-se à definição cunhada por Jorge Macgrave no Brasil. Conotação que está muito próxima a de outros cronistas que estiveram na África e na América e relacionava a mescla de europeu com indivíduos africanos e americanos.

Mameluco no livro 8 de sua historia cap4. De incolis Brasília, diz Jorge Marggravo que no Brasil chamam mameluco ao filho de pay europeu e mãe negra. Negra. mulher natural da terra dos negros, ou filha de pais negros. Mulier nigrita, ou à nigritis orta parentibus vid. negro. Negridão cor negra (BLUTEAU, 1712, p. 175-177).

Também associada aos escritos de Jorge Macgrave estão as representações iconográficas do pintor Albert Eckhout, um dos ocupantes da missão artística e científica da corte de Maurício de Nassau durante a dominação holandesa em Pernambuco. Uma das suas representações clássicas sobre os americanos refere-se à tela “Homem mulato” ou “Mameluco”, que foi pintada por volta de 1680, após o retorno de Eckhout a Holanda.<sup>9</sup>



Albert Eckhout, Homem Mulato, sem data; óleo sobre tela, 170 x 274 cm;  
Nationalmuseet, Copenhague, Dinamarca.

Certamente Eckhout pintou a referida tela utilizando os escritos e as definições que Macgrave havia construído sobre o Novo Mundo e, também, os conhecimentos que circulavam sobre as taxonomias etnográficas dos negros, mulatos e mamelucos. Observa-se que a iconografia sugere a mestiçagem resultante do cruzamento de europeu com os índios (também conhecidos como negros da terra). Outro ponto importante representado por Eckhout refere-se à visão hierarquizada da barbárie e da civilidade. Ou seja, à medida em que os europeus uniam-se aos índios, eles legavam graus de civilidade maiores às representações etnográficas. Assim, os mestiços, resultado desse cruzamento, não eram representados nus, como os tapuia,

<sup>9</sup> Para um olhar específico sobre o tema, ver Stols (1996, p. 20–31).

inimigos, e nem *seminus*, como os índios tupi já aliados dos europeus. Aliás, esses mestiços figuravam vestidos, com roupas e símbolos de poder e nobreza como o espadim, por exemplo. Todavia, se compararmos com a lógica etnocêntrica dos europeus que detinham os graus máximos de civilidade, o mestiço, nessa iconografia, apresentava diferenças significativas, pois estava com os pés descalços e as pernas desprotegidas (AMANTINO, 2008, p. 53-83). O seu florete sem bainha e com uma proteção na ponta apresentava-se de forma rudimentar.

Outra referência importante, em uma análise simbólica da pintura, seria o próprio imaginário atribuído pela arma e pela postura do mestiço. Na imagem, o mestiço está em serviço de guarda protegendo uma plantação de cana-de-açúcar, principal riqueza do Brasil. Na linha do horizonte, por outro lado, três caravelas remetem ao comércio atlântico. A própria construção de Eckhout, referindo-se aos mestiços como soldados e envolvidos na proteção militar e nos exercícios das armas, remete-nos ao imaginário difundido da época dos guerreiros mamelucos da Ásia e da África. De certa forma, a representação iconográfica do pintor holandês corrobora as definições que Bluteau compilava sobre o termo. Talvez por estar ambientado nas artes militares, Eckhout expunha, consciente ou inconscientemente, um dos principais atributos que conotava a própria definição de mameluco, homem preparado para a guerra.

Compilada de dicionários castelhanos, a terceira definição de mameluco ou mamaluco a que se refere Bluteau deriva do vocábulo latino *mammacuthus*, o que já nos remete a uma temporalidade clássica, para não falar bíblica, dos tempos babilônicos. Segundo o Padre Bento Pereira, o termo referia-se ao bobo da corte, indivíduo estolido e parvo, mas também aos homens que estavam no serviço das armas. Segundo Calepino, também citado pelo jesuíta, outra significação do verbete aparecia na palavra latina *manulucus* que era o diminutivo de *mammalucus* e que denotava homens apartados da fé de Cristo. Como podemos ver na designação abaixo:

Mameluco, ou Mamaluco. Vid. Mameluco, tomo 5. Do vocabulário. Na sua Prosodia o P. Bento Pereira declarando o significado de *mammacuthus*, diz Mamaluco, e o faz synonymo de Estolido, e Parvo, por ventura pela semelhança do nome, porque (segundo os Escolios de Aristophanes, e Celio Rhodigino, livro 17. Cap.4) *Mammacuthus* he

o nome de hum Bobo das Comedias dos Antigos. Porém, como já temos dito no tomo 5. Mamelucos erão homens, que se assinalarão no exercício das armas. No Vocabulário Italiano dos Academicos da Crusca, impresso em Veneza, anno M.DC.XXIII. acho que Mamelucos erão da Ordem Sinhoria de Babylonia, da qual elegia o Soldão do Egyto, e logo mais abaixo se da a entender que havia Mamalucos, criados, e escravos. Finalmente em Calepino, na palavra *Manulucus*, que parece diminutivo de *Mammalucus*, se acha que Mamelucos erão apostatas da Fé de Christo (BLUTEAU, 1712, p. 12).

Por analogia ou semelhança, algumas das conotações dadas ao vocábulo aplicava-se, por exemplo, aos paulistas, pernambucanos e outros mestiços da costa americana.<sup>10</sup> Muitos desses mestiços, por serem destros nas artes das guerras e terem ajudado, com relativa fidelidade, os europeus – diga-se portugueses, holandeses e franceses nos conflitos contra os índios levantados, quilombolas e entre si – atribuíram-lhes essa qualidade aos seus aliados. Isso também para não falar dos diferentes índios, africanos, judeus, islamizados pouco doutos na fé de Cristo e aos quais poderia ser atribuída a qualidade de mameluco. O verbete compreendia uma polissemia de significados e temporalidades que imputava valores e adjetivos aos mestiços americanos.

Também na África, o português radicado em Angola, António de Oliveira de Cadornega (1623-1690), relatava em suas memórias a importância do envolvimento dos seus conterrâneos com as senhoras pretas para a formação da comunidade dos mestiços, principalmente dos grupos oriundos dos tagomaos, ou seja de mulatos e pardos (CADORNEGA, 1942). Semelhante aos acontecimentos que ocasionaram a expulsão dos holandeses de Pernambuco no século XVI, esse militar havia lutado em defesa do Reino de Angola e na guerra contra o domínio holandês naquela região entre os anos de 1639 e 1680. Em suas palavras, ele afirmava:

Os soldados da guarnição e outros europeus são pais de muitas crianças das senhoras pretas, por causa da falta de senhoras brancas, com o resultado de que há muitos mulatos e pardos. Os filhos destas uniões dão grandes soldados, especialmente nas guerras do interior contra habitantes pagãos. Podem resistir a trabalhos pesados, condições as mais desfavoráveis e andam sem sapatos. Muitos se tornam grandes homens. Quando esta conquista começou, quase todos os

<sup>10</sup> Sobre a temática ver: Fernandes (2003); Medici (2006); Paiva; Cerceau Netto (2011, p. 133-154).

conquistadores importantes, com exceção de alguns que trouxeram as famílias, acomodaram-se com mulatas filhas de respeitáveis colonos e conquistadores, com suas escravas ou concubinas livres (CADORNEGA, 1942, p. 30).

Para Cadornega, as uniões entre europeus com pretas e mestiças, escravas ou concubinas livres, geravam filhos mulatos e pardos que eram grandes soldados capazes de resistir aos trabalhos pesados e condições desfavoráveis. A sua descrição assemelha-se muito à própria representação iconográfica que o holandês Eckhout havia feito do mestiço pernambucano – soldado robusto preparado para as guerras intestinas, símbolo da própria mescla entre europeus e nativos e que se apresentava descalço, sem sapatos.

No Brasil colonial, vários cronistas associaram os mamalucos/ mamelucos à condição de mestiços filhos de índios com portugueses. Frei Vicente de Salvador dizia que os mamelucos eram os mestiços filhos de brancos e índias. Geralmente, eles eram unidos aos portugueses e, por saberem a “língua e terem parentesco com os índios bravios” contrários aos portugueses, eram muito úteis na ajuda às guerras intestinas, como os filhos de João Ramalho que ajudaram os tupis contra os tupinambás (SALVADOR, 2001, p. 180). Para o Padre Francisco Xavier de Charlevoix, que esteve nas missões jesuíticas do Peru e do Paraguai no início do século XVII, mamelucos eram os que provinham da mistura do sangue português com o índio, formando os paulistas da Vila de Piratininga, São Vicente e Santo André. O padre inaciano, por ter sido achacado várias vezes pelas bandeiras paulistas nos domínios da Espanha, descreveu que, dos concubinatos havia ocorrido a mistura entre índio e português, cujo resultado foi uma geração perversa “da qual as desordens chegaram tão longe que se deu a estes mestiços o nome de mamalucos por causa de sua semelhança com os antigos escravos dos Sultões do Egito” (MADRE DE DEUS, 1975, p. 130-133).

Os mamalucos foram empregados, durante séculos, na África islamizada, para identificar os jovens escravizados, não muçulmanos, que serviam aos sultões. Eles recebiam aprimorada formação militar, sendo obrigados a se converter à religião muçulmana quando atingiam certa idade, sendo, então, libertados, passando a integrar as milícias das elites desses governantes (PAIVA, 2009, p. 9-10). Não seria novidade que esses mamelucos ou mamalucos também fossem considerados apóstatas da fé católica e guerreiros.

Para o Frei Madre de Deus, os mamelucos foram “criados na guerra e acostumados ao trabalho, e por isso tornaram-se robustos e mais aptos do que os brancos para suportarem os incômodos do sertão”. Afinal, de modo semelhante aos tagomaos, a união mestiça entre o nobre português João Ramalho e a Princesa dos Guaianazes, Isabel, gerou descendência, formando as famílias mescladas e as primeiras comunidades de mestiços na América portuguesa (MADRE DE DEUS, 1975, p. 163). Quase do mesmo modo, Gabriel Soares de Souza, em seu *Tratado Descritivo do Brasil* de 1587, revelava que, na Bahia, os mamelucos eram os filhos de franceses com os índios tupinambás. Afinal, em função do comércio, muitos franceses aprenderam a língua nativa e se amancebaram com mulheres do gentio, inçando a terra de mamelucos “loiros, alvos e sardos” (SOUZA, 2000, p. 253).

Varnhagem dizia que a palavra “mameluco”, em terras brasílicas, foi tomada por analogia ao que acontecia na Europa e que esse termo, nos séculos XV e XVI, aplicava-se na Ibéria aos filhos de mouras e cristãos ou de mouros e cristãs (SOUZA, 2000, p. 299-300). Holanda, entretanto, concordava que o termo “mameluco” significava mestiçagem de índio com português, mas a palavra era grafada em grande parte da documentação como mamaluco, permitindo inferir que ela derivava do tronco linguístico tupi, dissociada, dessa forma, de uma referência da derivação da palavra ao radical árabe e de uma significação relativa a escravos dos sultões (HOLANDA, 1959, p. 59). Sendo uma ou outra denominação, os mamalucos/mamelucos, assim como os tagomaos, estavam associados à guerra.

Holanda, analisando os motivos edênicos dos descobrimentos, já demonstrava que os europeus tinham buscado decifrar os segredos da terra brasílica segundo imagens e mitos ancestrais de que seriam portadores (HOLANDA, 1959, p. 3-19). Alguns desses termos já vieram transportados de outras realidades espaciais e temporais – asiáticas e africanas – e foram reinterpretados nas Américas. Porém, muitos outros foram inventados para descrever uma realidade nova ou adaptativa dos processos de mistura dos americanos.

Os mamelucos/mamalucos apresentavam-se como indivíduos ambivalentes, capazes de adquirir as melhores qualidades dos europeus e dos índios. Portanto, constituíam-se em grupos que apresentavam características fantásticas para enfrentar as dificuldades dos sertões. Assim como os tagomaos na África, nos primeiros séculos das Américas eram esses mestiços mamalucos

que povoavam a terra e faziam a intermediação cultural entre os povos ibéricos e indígenas.

Os mamalucos/mamelucos utilizaram todas as suas ambivalências, oriundas de ascendência dupla, para adquirirem vantagens. Ao mesmo tempo, esses indivíduos não assumiam uma identidade portuguesa ou indígena, mas sim uma nova identidade, a mestiça. Eles tinham conhecimento das rotas interioranas fluviais e terrestres, além das técnicas indígenas de guerrear. Por suas conquistas, tornaram-se um dos primeiros grupos organizados a serem privilegiados com mercês e cargos distribuídos pela Coroa portuguesa. Talvez por isso, o padre beneditino Charlevoix, para valorizar a genealogia híbrida dos paulistas dizia que os mamalucos eram os melhores soldados das Missões. Afinal, esses “mestiços foram os chefes das tropas conquistadoras e eles foram mandados, pelos seus pais, para atacar os índios bravos” (MADRE DE DEUS, 1975, p. 161).

No continente americano, estratégias de casamentos e concubinatos promoveram as mesclas entre índios, africanos e europeus, construindo uma sociedade mestiça e de intensas modificações na qual os choques, as potencialidades e as contradições marcavam um mundo que podia ser considerado, ao mesmo tempo, como paraíso e inferno. A relação com o outro, o desconhecido, intensificava, cada vez mais, as diferenças e desigualdades. Um mundo de novidades e experiências erigia-se, marcando relações de conflito e choques, mas também de aproximação.

Tagomaos e mamalucos foram grupos sociais que permitiram a mediação de universos diferentes, o que influenciou conhecimentos múltiplos, que se metamorfoseavam em novos espaços e exibiam diversas temporalidades.

## THE FORMATION OF MESTIZO COMMUNITIES AMONG TAGOMAOS AND MAMALUCOS

### ABSTRACT

*This article portrays the action of two groups of mestizos responsible for the formation of Iberian Atlantic communities. The tagomaos and the mamalucos formed on the first groups of global intermediators who helped establish strategies for achievement in the Iberian world. Those mestizos, through policies of family alliances, quoted the contradictory and adaptive dynamics that helped in bringing Europeans to Africans and Amerindians.*

**KEY-WORDS:** *Global intermediators. Mamalucos. Mestizo communities. Tagomaos.*

## REFERÊNCIAS

AMANTINO, M. **O mundo das feras: os moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais – Século XVIII**. São Paulo: Annablume, 2008.

BARRY, B. **Senegambia and the Atlantic Slave Trade**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BOXER, C. R. **Relações raciais no império colonial português (1415-1825)**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1967.

CADORNEGA, A. de O. **História Geral das Guerras Angolanas**. Tomo III. Lisboa: Biblioteca Geral das Colônias, 1942.

CARREIRA, A. **Os portugueses nos Rios de Guiné (1500-1900)**. Lisboa: [s.e.], 1984.

CERCEAU NETTO, R. **Um em casa de outro: concubinato, família e mestiçagem na comarca do Rio das Velhas (1720-1780)**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM, 2008.

\_\_\_\_\_. População e mestiçagens: a família entre mulatos, crioulos e mamelucos em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX. In: PAIVA, E. F., IVO, I. P.; MARTINS, I. C. (Org.). **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFGM; Vitória da Conquista: Ed. Uesb, 2010.

CURTO, J. C.; LOVEJOY, P. E. (Ed.) **Enslaving connections: changing cultures of Africa and Brazil during the age of slavery**. New York: Humanity Books, 2004.

FERNANDES, J. A. **De cunhã a mameluca: a mulher tupinambá e o nascimento do Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2003.

GARCIA, C.; MEDINA, M. R. (Coord.) **Ciudades mestizas: intercambios y continuidades en la expansión occidental. Siglos XVI a XIX**. México: CONDUMEX, 2001. [Actas del 3er. Congreso Internacional Mediadores Culturales]

GODOY, S. O.; SALAZAR-SOLER, C. (Ed.) **Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el Mundo Ibérico**,

**siglos XVI-XIX.** Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú; Instituto Riva-Agüero; Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005.

GRUZINSKI, S. **Les quatre parties du monde:** histoire d'une mondialisation. Paris: Martinière, 2004.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

IVO, I. P. **Homens de caminho:** trânsitos, comércio e cores nos sertões da América portuguesa – Século XVIII. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LEITE, S. **Cartas do Brasil e mais escritos do Padre Manuel da Nóbrega.** Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

LIÃO, D. N. do. **Leis extravagantes e repertório das ordenações.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

LOVEJOY, P. E. **A escravidão na África:** uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MADRE DE DEUS, [Fr.] Gaspar de. **Memórias para a história da Capitania de São Vicente.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

MEDICI, A. M. Esclavage, armée et réformes à Tunis: vie d'un des derniers mamelouks à la cour du Bey (XIXe siècle). In: BERNAND, C.; STELLA, A. (Org.) **D'esclaves à soldats.** Miliciens et soldats d'origine servile, XIIIe-XXIe siècles. Paris: L'Harmattan, 2006.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NAZARI, M. Da escravidão à liberdade: a transição de índio administrado para vassalo independente em São Paulo colonial. In: SILVA, M. B. da (Org.). **Brasil: colonização e escravidão.** São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

OLIVEIRA, C. M. S. O Brasil seiscentista nas pinturas de Albert Eckhout e Frans Janszoon Post: documento ou invenção do Novo Mundo? **Portuguese Studies Review**, v. 14, p. 115-138, 2007.

PAIVA, A. T. **Os indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767-1813).** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

PAIVA, E. F. Por uma história cultural da escravidão, da presença africana e das mestiçagens. **Revista de História e Estudos Sociais**, v. 6, n. 3, 2009.

\_\_\_\_\_.; CERCEAU NETTO, R. **Uma mamaluca poderosa entre Itú e Pitanguí, no início do século XVIII**. Belo Horizonte: Crisálida, 2011.

QUEIJA, B. A.; GRUZINSKI, S. (Coord.) **Entre dos mundos: fronteiras culturais y agentes mediadores**. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1997.

REZENDE, R. C. **As “Nossas Áfricas”: população escrava e identidades africanas nas Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

ROMEIRO, A. **Paulistas e emboabas no coração das Minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SALVADOR, [Fr.] Vicente do. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

SILVA, A. da C. e. **A manilha e o libambo. A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

SOUZA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SOUZA, M. de M. e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

STOLS, E.; VERBERCKMOES, J.; WERNER, T. et al (Dir.). **Naturalia, mirabilia & monstrosa a travers le monde iberique, XVIe-XIXe siecle**. Louvain: Leuven University Press, 2006.

STOLS, E. A iconografia do Brasil nos Países Baixos do século XVI ao século XX: uma tentativa de avaliação global. **Revista USP**, v. 30, p. 20-31, 1996.

TACHOT, L. B. ; GRUZINSKI, S. (Dir.). **Passeurs culturels: mécanismes de métissage**. Paris: Fondation Maison des Sciences de l’Homme; Presses Universitaires de Marne-la-Vallée, 2001.

THEVET, A. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

THORNTON, J. K. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.